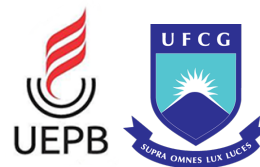




VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Sertão modificado, paisagens em disputa¹.

José Afonso da Silva Jr.²
Universidade Federal de Pernambuco

PALAVRAS-CHAVE: Sertão, paisagem, território, povos nativos, fotografia documental.

Apresentação

Em qualquer trabalho fotográfico está presente um conjunto de adequações ou procedimentos entre aquele que fotografa, quem é fotografado e o que se obtém como construção visual a partir da realidade. Sejam nos regimes documentais ou nos expressivos há uma relação de variação na presença da subjetividade do autor fotógrafo no que toca a elaboração de sentido visual a partir do problema com o qual se trabalha. Embora explicitamente nenhum autor defina esse problema como um “protocolo de aproximação”, podemos dar contorno a esse aspecto em diversas fontes.

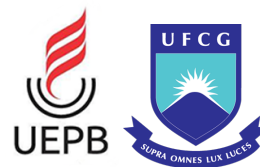
SONTAG (1977, 2003) questiona a fotografia e o ato de fotografar como apropriação, do posicionamento de dizer sobre o outro. O desmonte que o olhar fotográfico como algo neutro demanda, ao seu turno, no “protocolo de aproximação” a necessidade e responsabilidade ao se aproximar do outro ter em conta parcelas da dor, intimidade, cenário e a vida de quem se representa. BERGER, por sua vez, (1972, 1980), dialoga com este raciocínio ao enfatizar que o ato de ver, mesmo antes de fotografar, é algo relacional com a história e a presença das pessoas mostradas. Portanto, é uma política impregnada nas imagens. AZOULAY (2008), propõe a fotografia como situada em um contrato civil entre os agentes envolvidos na fotografia, ou seja, entre quem fotografa e quem é fotografado, mas também sob quais regimes de atenção é observada. Esses autores, de certa forma,

¹ Este trabalho foi apresentado pela primeira vez no GP Fotografia, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 01 a 05 de setembro de 2025, no Centro Universitário FAESA - Vitória-ES. Nesta versão, ligeiramente revisada e ampliada, incorporamos as observações, questionamentos e críticas ocorridas durante o debate do texto original.

² Professor/ Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, PPGCOM- UFPE. E-mail: jose.silvajr@ufpe.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



defendem o reconhecimento do outro como sujeito atuante na cena da fotografia. necessariamente uma determinação, mas que não posso negar, é capaz de gerar efeitos.

Para mim, faz toda coerência na elaboração de um protocolo de aproximação, seja no registro de pessoas, objetos, lugares ou paisagens, perceber que a fotografia é um recorte de tempos e acontecimentos, do que é vivido e que, na construção visual dos sujeitos, essa elaboração visual é dependente e também complementar entre as pessoas apresentadas e os ambientes que elas povoam.

A paisagem, no caso da fotografia, é um elemento convocado para operar feixes de sentidos que se organizam e dispõem sentidos a partir de uma permanente acumulação, fluxo, desaparecimentos e inserções. Penso que tal percepção, incorpora um paradoxo: a paisagem pode parecer estática no espaço, que não muda no instante curto, na fatia do tempo do clique fotográfico; mas longe de estar mumificada, ela é mutável pelo tempo acumulado.

Escolhendo lentes

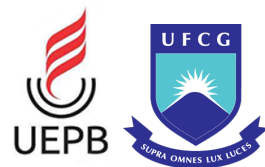
Essa aparente contradição, demanda elaborar o protocolo de aproximação para além do ajuste que recai sobre o dispositivo técnico. Em uma metodologia que utilizo em sala de aula, coloco uma dinâmica de quatro passos que reduz a complexidade envolvida do protocolo de aproximação, seja para uma pessoa, um animal, um objeto, uma peça publicitária, uma paisagem, um evento esportivo, climático ou político, enfim. O nome de método é CASA. Ou 4S, em inglês. Envolve refletir antes de fotografar visualizando e antecipando o que pode ser encontrado. Assim pensa-se que antes do **clique** (*shoot*), esse ato se dá a partir da atenção ao **assunto**, (*subject*); a **situação** (*situation*); e o **ajuste** (*set-up*).

Percebo, em que o teor de programação presente na tecnologia fotográfica, representado aqui no pensamento de Willem Flusser (1985) no conceito da Filosofia da Caixa-Preta; a fotografia, no sentido de produção, estaria aprisionada a um conjunto de operações internas e invisíveis ou incompreensíveis para um usuário comum, emprestando uma concepção de neutralidade técnica na produção das imagens. É ideia do programa.

Assim, escolher uma lente para uma paisagem não é operação neutra, que mesmo na metodologia CASA/ 4S, é também um conjunto de posicionamentos que define como mundo se revelará. O contorno do protocolo de aproximação expande seus traços.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Teleobjetivas, olho-de-peixe, as lentes macro. Essas escolhas indicam não somente a presença do fotógrafo em um determinado cenário. Elas indicam também o “como”, as escolhas do dispositivo tecnológico e a ideia de recorte.

Em Walter Benjamin (1985) no seu conceito de aura, todo o enquadramento é uma forma de recorte do tempo e do espaço. Uma escolha sobre o que está ou não está na imagem, mas, sobretudo, o que permanece e o que é lacuna, e que só pode ser recuperado por outros acionamentos como trazer à tona a lembrança e o ato de narrar com as imagens.

Na percepção de como as fotografias constroem narrativas, e não apenas um modo de registro, Lisovsky (2011) aponta que há não apenas o documento da realidade, mas também a influência, o modo como os lugares são compreendidos, elaborados e lembrados.

Destarte, fotografar é um procedimento que aciona o dispositivo para evidenciar as camadas do tempo que transformam os espaços em lugares e territórios. É esta operação como rastro que dota a fotografia da característica da proveniência.

Para além da recuperação da experiência e do vivido, em Ingold (2000) não há paisagem sem habitar e percorrer. A lente, portanto, é prótese do olhar, que o faz andar, que atravessa e que caminha; que pode proteger, e também destruir, aquilo que vai ser apagado ou não. É o que captura não apenas um cenário, mas uma *taskscape* (INGOLD, 2021). Este conceito alia à paisagem, os modos e ações, práticas, e atividades com as quais ela é ocupada e cria rastros.

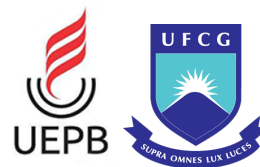
Destarte, percebemos que não existe na conexão visual entre a coisa o fotógrafo e o sentido, uma lente adequada para paisagem. E sim pontos de vista que interoperam em mutualidade com o procedimento. Não é mostrar como decalque, é também uma invenção do lugar, uma ressignificação, uma reinserção, que dialoga com o sentido a se produzir, com a poética que se deseja acionar.

Os quatro elementos e uma paisagem em modificação

Nos últimos 10 anos, aproximadamente, o Sertão tem sido palco de transformações territoriais, impulsionadas pela instalação de parques eólicos (Ar), fazendas de painéis solares (Fogo, Sol, Luz), novas políticas de gestão da Água (Transposição do rio São Francisco, cisternas) e o extrativismo predatório da caatinga (Terra). Tais mudanças justificadas pelo beneplácito do desenvolvimento sustentável, resultam na modificação dos modos de vida, na organização simbólica do espaço e das populações envolvidas.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



O que está em jogo na parte que se vê, é uma série de empreendimentos de geração de energia “limpa” baseado em engenhos eólicos, solares e de biomassa além das disfunções oriundas da permanente crise hídrica. Prosseguindo, as dinâmicas entre pessoas e territórios estão modificando através de implementações tecnológicas sobrepostas podem ser observadas através das equivalências desses elementos na paisagem. O Fogo = sol, painéis solares; a Terra = devastação da caatinga; o Ar = usinas eólicas; a Água = questão eterna no semiárido nordestino.

É esse o teatro de intervenções de ordem tecnológicas que opera modificações na paisagem sobre a lógica do Capitaloceno. Absorver esse conceito, envolve a percepção da natureza e como ela é absorvida como recurso através de um sistema histórico, econômico e social específico: o capitalismo. Isso desloca a crítica de responsabilidade da ação do humano (Antropoceno) sobre a natureza de um modo generalizado.

A paisagem sertaneja durante décadas tem sofrido uma intensiva transformação visual e simbólica. Sua imagem é elaborada por estereótipos e clichês, como a vegetação da Caatinga, os currais de pedra, os açudes escavados à mão, as casas de taipa, a pobreza, a subnutrição, os juazeiros e mandacarus. Mas o que se move na paisagem? A mesma pressupõe uma ideia de fabricação ou resultado (Cauquelin, 2007), necessariamente uma elaboração visual, seja ela feita em uma pintura, desenho, fotografia ou filme.

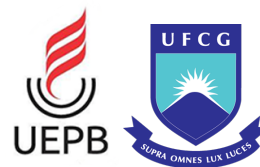
Quando penso nos quatro elementos — Fogo, Água, Terra e Ar — no contexto do Sertão, vejo-os em camadas justapostas. A da paisagem significada e construída do Sertão; e sua versão contemporânea, onde, os quatro elementos (que já percebidos e narrados) são modificados por outras lógicas: a do “progresso sustentável”, tecnológico, econômico e industrializado. Renomeações do Capitaloceno.

O como e o porquê do protocolo de aproximação.

Percebem? O Sertão convocado a compor a nova paisagem tecnológica redefine o ponto de vista dominante: o que antes era olhado como — o sertão seco e “improdutivo” — passa à condição de abundância solar, eólica e de biomassa. No entanto, essa nova valência, aparentemente emancipadora, ocorre modificando as relações com as comunidades desse território. A paisagem é o modo de enquadrar contradições e conflitos mais amplos.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Em Didi-Huberman, 2009, a paisagem carrega uma projeção idealizada do lugar, oscilando entre identificação, ficcionalização, romanceamento ou historicização. Com a fotografia, essa multiplicidade se intensifica, revelando arranjos entre quem fotografa, quem é fotografado e quem observa.

Em Milton Santos (1997), a paisagem é a forma herdada e atualizada, que carrega a memória dos processos históricos e das forças sociais que atuam sobre o espaço. No Sertão, as torres eólicas e placas solares são signos de uma modernização abrupta, sem mediação com os saberes e usos locais.

Ao redor da imagem social de “energia limpa”, como se situam as vozes dos que habitam esses territórios há gerações? Como se percebem os efeitos na saúde, na convivência, no pertencimento a partir da paisagem modificada? São, portanto, questões de fundo estético derivadas da ação modificadora, de ordem econômica e industrial, o Capitaloceno, sobreposto ao território.

Assim, a modificação da paisagem enquadra um novo paradoxo na sua elaboração visual: estamos tratando de uma perspectiva de várias culturas e um só meio ambiente, a natureza; ou a partir de cultura única, de base ancestral, que se relaciona com diversas percepções da natureza? Em outras palavras, vemos a natureza a partir de fora ou de dentro? Olhamos para a natureza de modo integrado ou separado? Somos ela ou o Outro?

A dicotomia entre natureza e cultura, pois se retroalimentam mutuamente. Se o Sertão cria o gentílico sertanejo, o inverso também procede. Isso coincide com Joel Candau (2001), pois a memória atua como um ato coletivo e performativo e é tributária da construção do lugar e do território, o chão de pertencimento das comunidades que tem parcelas na elaboração de saberes.

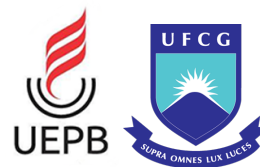
Com que lente eu vou?

O “Sertão modificado” não é pensado neste projeto sob o binarismo: *sensível versus* representação. E sim como um campo de atualização e disputa na paisagem dos modos de vida, visões de mundo e temporalidades que estão em jogo.

No Sertão, as modificações apresentadas neste texto, não são apenas dados visuais, mas uma alteração sensorial da existência cotidiana. O que se coloca não é apenas o que se vê, mas o que se vive — e, sobretudo, o que deve ser visto, lembrado e recuperado. Vejo que antes de se escolher equipamentos para elaborar essa paisagem é necessária uma



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



postura. Encaixar uma lente no corpo de câmera, exige uma epistemologia que acolha a experiência do lugar. Não há lente ideal, mas sim uma tríade técnica, ética e estética com o olhar, o território e o tempo. A lente se torna uma filosofia da atenção: um modo de se abrir ao mundo e de responder à sua presença com escuta, delicadeza e intenção. É necessário conversar, conviver, caminhar antes de se fotografar. É a conexão dos enunciados se vinculam por pertencimento, tradição, lembrança, formas de sentir, elaborar, pensar a respeito do mundo ao redor. A fotografia não é só o que pensamos, mas também de onde pensamos e de onde iluminamos nossas questões” (NAZÁRIO, 2007, p. 190).

REFERÊNCIAS

- AZOULAY, Ariella. **The civil contract of photography**. New York: Zone Books, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução de Francisco de Ambrosio. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Tradução de Stella M. de A. Souza. Rio de Janeiro: Rocco, 1980. (Original de 1972)
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2001.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de André Telles. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FIOCRUZ. **Pesquisadores analisam impactos da “síndrome da turbina eólica”**. 2025. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2025/01/pesquisadores-analisam-impactos-da-sindrome-da-turbina-eolica>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, [s.d.]. (1985).
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.
- INGOLD, Tim. A temporalidade da paisagem. In. **A unidade Múltipla: ensaios sobre a paisagem**. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Arquitetura. UFMG, 2021.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2014.
- LISSOVSKY, Maurício. Rastros na paisagem: a fotografia e a proveniência dos lugares. **Contemporanea** (Online), Salvador: UFBA, v. 9, n. 2, p. 136-155, 2011.
- NAZÁRIO, Sílvia. **Paisagem: entre a arte e a natureza**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Original de 1977).